

# Análise semiótica do conceito de ensino na EAD

Hugo Costa Pereira e SOUZA<sup>1</sup>; Maria Simone Dantas da S. GOMES<sup>2</sup>; Maria Thereza Santos Ferreira e SOUZA<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Professor Especialista do Departamento de Ciências Exatas, Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, tutor no curso de Especialização Mídias na Educação na modalidade a distância do Centro de Educação a Distância CEAD/Unimontes. <sup>2</sup>Coordenadora de tutoria do curso de Letras Português na modalidade a distância do Centro de Educação a Distância da Universidade Estadual de Montes Claros - CEAD/Unimontes. <sup>3</sup>Professora Especialista do curso de Letras Português na modalidade a distância do Centro de Educação a Distância da Universidade Estadual de Montes Claros - CEAD/Unimontes.

## RESUMO

Na modalidade de ensino a distância, o conhecimento é intermediado através de ambientes virtuais. Consideram-se neste trabalho as dimensões da virtualidade do ensino a distância, onde professor e aluno encontram-se separados no tempo e no espaço. **Objetivo:** Pensando nesse universo, na relação de destinador /destinatário existente entre seus participantes, nos papéis atribuídos a cada um e no processo de intermediação do conhecimento é que se propôs este trabalho, cujo objetivo principal foi analisar a semiótica do conceito de EAD. **Metodologia:** Para essa caracterização, partiu-se da apreciação semiótica e da relação semissimbólica de uma figura cujo tema remete à EAD, veiculada em um blog na internet, e também da conceituação do que é ensinar nesta modalidade de ensino. Assim, este estudo baseia-se em uma análise qualitativa e em uma revisão de literatura, tendo como principal referência a teoria da Semiótica Greimasiana, sustentação desta análise. **Resultados:** A EAD vem sendo difundida cada vez mais, pela sociedade, como um caminho recompensador na busca do conhecimento. **Considerações finais:** O ensino a distância surge como uma proposta complementar ao ensino presencial, proporcionando o acesso ao conhecimento àqueles que não podem ou não dispõem de tempo para frequentar o ensino presencial.

**Palavras-chave:** Semiótica; Educação a Distância; Ambiente Virtual de Aprendizagem.

## INTRODUÇÃO

Na Educação a Distância (EAD), o processo de ensino-aprendizagem é veiculado por meio de um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), possibilitando, através de um programa de computador, a disponibilização de vários recursos para que esse ambiente seja montado e estruturado no que é caracterizado de sala virtual. Nesta sala são disponibilizados materiais didáticos, roteiros de estudo, ferramentas que possibilitam a interação assíncrona e síncrona entre os envolvidos (TOSCHI, 2004).

As estratégias de ensino são concretizadas mediante o uso de vários recursos tecnológicos e telemáticos que visam levar ao aluno o conteúdo, trabalhado de maneira interativa e significativa. O AVA é um ambiente coletivo que tem como objetivo favorecer a interação entre alunos e tutores (BEHAR; BERNARDI; PASSERINO, 2007). Este ambiente é constituído como um todo pela plataforma e por todas as relações estabelecidas pelos usuários que utilizam este meio como ferramenta de interação, buscando sempre atingir um limiar máximo de aprendizagem.

Apesar de haver projetos de EAD em que o conhecimento é intermediado através de duas etapas, a aula presencial (nos pólos de apoio) e estudo a distância pelo AVA, consideraremos aqui apenas o primeiro modelo no qual professores e alunos encontram-se separados no espaço e tempo. Nesse processo o professor deixa de ser o detentor único do saber e passa a mediá-lo, numa visão colaborativa, ao seu aluno, levando este a

reflexão do que lhe é proposto, ao desenvolvimento da autonomia e da criticidade, da aprendizagem independente e significativa, a adquirir a competência e o poder de desenvolvê-la. Além da figura do professor e do aluno, há também outra, imprescindível nesse processo de ensino-aprendizagem, que é o tutor. Este trabalha, entre outras funções, para manter um elo entre os agentes anteriores e cuidar das relações interpessoais no ambiente virtual, amenizando a sensação de isolamento/distanciamento que muitas vezes surge nesse processo de EAD (OLIVEIRA, 2012).

Pensando nesse universo, na relação de destinador /destinatário existente entre seus participantes, nos papéis atribuídos a cada um e no processo de intermediação do conhecimento, é que se propôs este trabalho cujo objetivo principal foi analisar a semiótica do conceito de EAD.

## METODOLOGIA

Para essa caracterização, partiu-se da apreciação semiótica e da relação semissimbólica de uma figura cujo tema remete à EAD, veiculada em um blog na internet, e também da conceituação do que é ensinar nesta modalidade de ensino. Assim, este estudo baseia-se em uma análise qualitativa, e uma revisão de literatura, tendo como principal autor da teoria da Semiótica Greimasiana, sustentação desta análise.

## DISCUSSÃO

A Ciência da Semiótica, numa abordagem geral, de acordo com Brito, Peixe (2012), relaciona-se ao signo, significação, sentido. Todas as teorias que dizem respeito ao estudo dos sentidos caracterizam-se como Teorias Semióticas. Ramificam-se em três grandes linhas: americana - constituída em torno da obra de Charles Sanders Peirce; a russa - em torno da obra de Luri Lotman e a francesa, desenvolvida pelo lituano Algirdas Julien Greimas (FIORIN, 1995), sendo que a teoria francesa foi à base para esta pesquisa.

Ao privilegiar o texto, objeto de significação, a Semiótica o caracteriza como passível de uma análise imanente, que, tomando-o como uma máscara, busca explicitar as leis que regem os discursos (BRITO; PEIXE, 2012). Ainda consoante aos autores citados anteriormente, o foco da Semiótica é ir além do exame dos sentidos dos textos/discursos, é explicitar como se dá a construção desses sentidos. Segundo Barros (1997), a semiótica tem por objetivo o texto, ou melhor, procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz.

Partindo da noção de texto: seja ele verbal, não-verbal (pintura, fotografia, desenho, etc.) ou sincrético (filme, quadrinhos, etc.), todos são passíveis da apreciação da semiótica e, sendo assim, trazemos para alavancar essa análise um exemplo deste último. Antes, contudo, vale teorizar mais um pouco acerca do objetivo da teoria de sustentação. Ao analisar a construção do sentido, já mencionado, deparamo-nos com o percurso gerativo de sentido, que segundo Brito, Peixe (2012), pode ser visto como um simulacro teórico-metodológico da teoria para descrever a geração do sentido. O entendimento dessa teoria facilita a compreensão dos diferentes níveis do percurso gerativo, pois, de acordo cada nível, existe uma forma diferente no sentido, uma configuração suscetível de ser descrita pelas categorias propostas pela teoria para aquele nível (PEREIRA, 2010).

Em outras palavras, esse percurso é o caminho percorrido pelo sentido para chegar à finalização - textualização (junção do plano de conteúdo/sentido) com o de expressão (linguagem de veiculação: verbal, não verbal ou sincrética). Nesse processo, perpassamos por três níveis: fundamental; narrativo e discursivo. O primeiro e mais abstrato caracteriza-se pela oposição básica de sentido e a agregação de valores a tais termos opostos. No segundo, tem-se a concretização do primeiro, Brito, Peixe (2012) trazem que:

Outro nível do percurso gerativo de sentido é o narrativo, patamar mais bem desenvolvido na teoria. Não pense que esse nível é exclusividade de textos narrativos! Em Semiótica, todos os textos apresentam narratividade, entendida como uma

sucessão de diferentes estados. Veja que um texto dissertativo-argumentativo, por exemplo, apresenta um nível narrativo, uma vez que progride de um estado de tese não fundamentada (corresponde à explicitação da tese) a um estado de tese fundamentada, após a apresentação dos argumentos que a sustentam. Não é dessa transformação de estados que depende o sucesso do texto dissertativo-argumentativo? Sem validar a tese, pode-se atingir minimamente o objetivo de sustentar uma perspectiva num dado debate? Evidentemente que não (BRITO; PEIXE, 2012, p. 12).

Assim, nesse nível ocorre uma organização narrativa que envolve as ações de todos os agentes, transformações provocadas ou sofridas, explicando ainda o porquê da ocorrência de tais mudanças e suas implicações em cada contexto. O último nível, discursivo, sucintamente, trata da apropriação dos elementos abstratos dos níveis anteriores pelos sujeitos da enunciação, responsáveis por convertê-los em algo comunicável, isto é, transportá-los para o mundo concreto mediante um tipo de linguagem: verbal, não verbal, sincrética, etc. (BRITO; PEIXE, 2012).

Saindo do caminho percorrido pelo sentido para a sua finalização no plano de expressão, ainda dentro da abordagem semiótica, encontra-se o semissimbolismo - estudo/ramificação recente da teoria - que se perpetua no estudo da relação entre o plano de expressão - seus elementos constituintes - com o plano de conteúdo (espaço da construção do sentido). De acordo Barros (1997), além de cumprir o encargo acima mencionado de expressar o conteúdo, o plano da expressão assume outros papéis e compõe organizações secundárias de expressão, e, ainda nas contribuições da autora, essas organizações, da mesma forma que os percursos figurativos do conteúdo, possuem papel de investir e concretizar temas abstratos e de fabricar efeitos de realidade.

Assim, todos os recursos utilizados na construção do plano de expressão: cores, figuras temáticas, no caso dos poemas: escolha lexical, posições/foco das imagens, etc, são utilizados para melhor representação no mundo real do sentido construído. Barros postula que os sistemas semi-simbólicos “podem ser denominados poéticos e ocorrem no texto literário, na pintura, no desenho, na dança, no quadrinho ou no filme” (BARROS, 1997) e que recriam a realidade sob um ponto de vista, visão de mundo. Ao escolhermos um texto sincrético, com predominância visual, não nos esquivaremos, portanto, de analisar além do estudo do percurso gerativo de sentido a relação semissimbólica presente no referido, devido esta ser de imprescindível compreensão para a construção do sentido e ponto de partida para a afirmação do que conceitua o ensino na EAD.

Neste contexto, é que se chega ao ponto de partida para o foco deste estudo, e a figura 1, através de sua contextualização, é que será discutida nos próximos parágrafos.

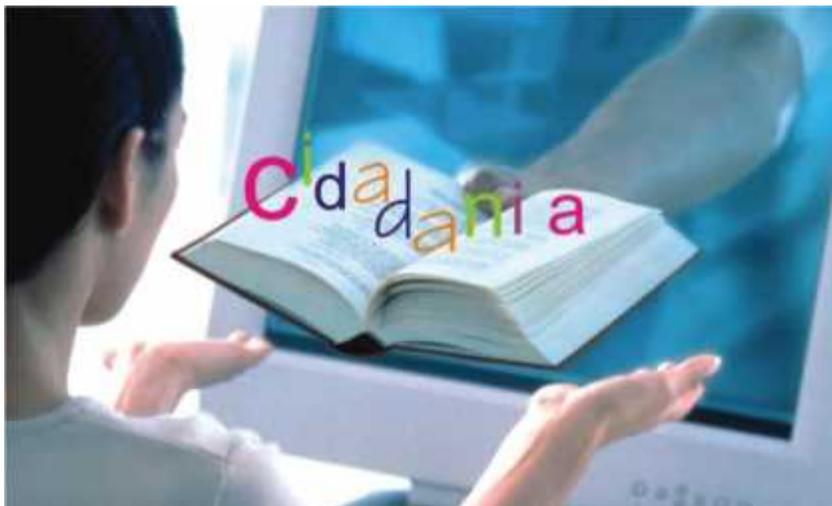


FIGURA 1: EAD: o futuro da educação mundial

Fonte: <http://modulobarroso.blogspot.com.br/2010/07/EAD-o-futuro-da-educacao-mundial.html>. Acesso em: 22 ago de 2012.

A imagem, retirada de um blog, denominado de blog do Módulo/ Projeto colaborativo do Módulo de Acolhimento do curso de licenciatura em Computação, possui como título: EAD: o futuro da educação mundial e logo abaixo da figura tem-se a seguinte afirmativa: “EAD surge como um sistema educacional, promovendo a inclusão social, fazendo com que as diferenças sociais sejam minimizadas”, mensagem postada por uma aluna do curso especificado, com isso já podemos direcionar/relacionar qualitativamente tal imagem ao conceito de ensino da EAD, sob a perspectiva de quem a criou para tal representação. A EAD é vista como uma revolução no processo de ensino, demonstra ainda que essa modalidade está em processo de evolução (inferido através da palavra: futuro usada no título).

Nota-se, no plano de expressão, que a escolha do termo “cidadania” escrita com diversas cores “vibrantes/fortes”, relacionada à figura do computador e do livro, infere no plano de conteúdo, demonstrando que o ensino na EAD vai além da aquisição de um curso superior, de um “diploma”, proporciona também a formação humana, cidadã, social do indivíduo que dela participa, interpretação ancorada também através da frase descrita logo abaixo da figura.

Outro prisma a ser apreciado é a figura do sujeito professor, representada, metonimicamente, pelo braço que entrega a um outro sujeito (aluno) o conhecimento, representado pelo livro. A moça está de mãos vazias à espera do conhecimento que lhe será dado. Nesse sentido, numa primeira análise semissimbólica, o plano de expressão: mãos vazias e mãos segurando um livro remete-nos à oposição semântica de base, no plano de conteúdo (nível fundamental): vazio versus preenchimento; privação versus aquisição. Reportando ao nível discursivo, antes da EAD o aluno que não possuía condições de participar do ensino presencial era privado da aquisição do saber e conseqüentemente da cidadania; com o advento da EAD, das Tecnologias da Informação e Comunicação, o conhecimento é democratizado e levado a diversas pessoas, independentemente de sua localização geográfica, raça, cultura entre outros fatores. Numa atribuição de valores, a privação do conhecimento torna-se disfórica, enquanto a aquisição, eufórica.

Ainda considerando o plano de expressão, outro recurso visual utilizado é o foco dado à imagem da mulher, traços realçados: cabelos negros e uma luz ao fundo, enquanto que a imagem do braço já se encontra um pouco mais “apagada, desfocada”, demonstrando a importância do aluno, sua participação na EAD, imprescindível na efetivação do processo de ensino-aprendizagem.

A noção de interação (em tempo real) e também a quebra do distanciamento na disseminação, propagação, democratização do saber é trazida pela invasão do plano real da imagem pelo virtual, indicada pelo movimento do braço atravessando a tela do computador e entregando nas mãos da mulher o conhecimento, a cidadania. Nesse sentido, o ensino, o saber ultrapassam barreiras e chegam - mediante o uso das tecnologias - ao aluno. Para validar essa análise acerca do conceito do ensino na EAD, Oliveira (2012) diz que a Educação a Distância não deve ser considerada meramente como um instrumento para o uso de tecnologias na educação e, sim, como uma prática educativa mediata de se fazer educação e democratizar o conhecimento. É nessa perspectiva que a Educação a Distância coloca-se, hoje, ao educador que tem sua prática fundamentada numa ética compromissada com as mudanças sociais.

Neste contexto, é possível caracterizar os sujeitos que utilizam a EAD no percurso gerativo de sentido, em específico, no nível narrativo, e por consequência análise do seu conceito de ensino. Ensinar na EAD é levar o aluno a refletir, a desenvolver-se criticamente, a ter autonomia, a construir colaborativamente o conhecimento, a conhecer seus direitos e deveres como cidadão. O conhecimento não lhe é dado pronto e acabado, o docente aqui é mediador, orientador. Papel bem explicado pelas palavras de Freire:

[...] ensinar não é transferir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor. Ensinar e aprender têm que ser com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando, como sujeito

de aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar (FREIRE apud OLIVEIRA, 2002a, p. 81).

Como atores desse processo de ensino, temos os professores e tutores, cujo papel do primeiro, conforme já explicado, é mediar o conteúdo, conhecimento, enquanto o papel principal do segundo é cuidar das relações interpessoais no AVA, erradicar a sensação de distanciamento, isolamento, sofrida pelos alunos, muitas vezes causada nesta modalidade de ensino e atua ainda como um elo entre docente/instituição e discente.

Partindo dessa relação entre tais sujeitos no processo de ensino-aprendizagem atribuem-se, numa abordagem semiótica - nível narrativo, a estes envolvidos papéis actanciais, direcionados em três eixos: saber, querer e poder. Em um primeiro instante, de destinador/manipulador/sujeito de fazer (professor/tutor) e destinatário/manipulado/sujeito de estado (aluno), assim, remetendo novamente à figura para melhor exemplificação, o sujeito do fazer - professor que tem a posse do conhecimento, simbolizado através da figura do livro - estando, num primeiro instante, em junção com o objeto de valor, possuindo assim o saber, enquanto o aluno (retratado na imagem) está em disjunção com esse objeto (PEREIRA, 2012).

Diferentemente da visão tradicional da educação presencial, na EAD esses papéis não são estáticos, isto é, o professor sempre em junção com o conhecimento, enquanto ao aluno não é repassada a competência, autonomia para a transformação de seu estado de disjunção para junção com o objeto de valor de maneira significativa, o aluno é um ser passivo, não participa da construção do saber. Na EAD ocorre a reciprocidade dessa competência, o docente possibilita ao aluno que este transforme seu estado de disjunção para junção com o objeto, passando de sujeito de estado a sujeito de fazer, dando a ele o “saber fazer”, mediante a o processo de ensino utilizado: estratégias de ensino instigadoras, reflexivas que levam o aluno a construção do conhecimento. Levam o aluno a adquirir a competência e a executá-la, conforme mostrado na figura, o docente entrega ao aluno o conhecimento. Assim, os papéis caracterizados primeiramente são transformados: professor/ tutor/aluno, em reciprocidade, como sujeitos de fazer, dotados de competência, na construção do conhecimento e na aprendizagem independente/significativa.

Ainda nessa linha de pensamento, assumindo o papel de destinador/manipulador, encontramos o processo de manipulação por tentação, isto é, o professor e/ou tutor oferecem, mediante os vários recursos metodológicos, ao estudante valores que eles acreditam que este deseja obter. Na sanção, tem-se o destinador/julgador - professor/tutor - que verifica se o aluno foi capaz de executar o “saber/poder fazer” que lhe foi dado e aplica, em caso de afirmação, a premiação: aproveitamento satisfatório na disciplina ministrada e, em caso de negação, alguma punição que for conveniente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na EAD o papel e/ou perfil, tanto do estudante quanto do professor, são atualizados, reconfigurados. Aparecem ainda outros atores que contribuem para o processo de ensino/aprendizagem, como exemplo, o tutor. Há também uma redefinição do que é ensinar e o que é aprender. Concluímos, através da análise feita, que a modalidade de ensino a distância dota os indivíduos envolvidos, especialmente o alunado, de investimento cidadão e formativo diferenciado, tornando-o protagonista de sua história numa ressignificação dos conceitos de ensino e aprendizagem.

A EAD traz consigo uma revolução nos processos educacionais, ampliando a apropriação dos indivíduos quanto à dispensa formativa que é feita. Trata-se significamente da democratização dos eixos educativos e da modulação dos aspectos de aprendizado a uma dimensão nova, de plena interação, onde a educação

sofre alterações no tempo e no espaço. Há uma virtualidade promotora de protagonismo nos sujeitos e os educadores se tornam companhias mediadoras do conhecimento.

O usufruto do desenvolvimento das Tecnológicas de Informação e Comunicação nos últimos anos e sua implicação em vários setores, como no educacional, social e cultural também são fatores esculturais dos cenários em EAD. Tal conceito, por conseguinte, acena para um progresso histórico, uma evolução tecnológica e uma revolução nos métodos convergentes à perspectiva dos indivíduos.

A EAD vem sendo difundida cada vez mais, pela sociedade, como um caminho recompensador na busca do conhecimento e como uma proposta complementar e facilitadora dos procedimentos de ensino correntes. É um marco de fenomenologia educacional, sem dúvida.

## REFERÊNCIAS

BARROS, D. L. P. de. **Teoria semiótica do texto**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.

BEHAR, P. A.; PASSERINO, L.; BERNARDI, M. **Modelos Pedagógicos para Educação a Distância**: pressupostos teóricos para a construção de objetos de aprendizagem. CINTED-UFRGS Novas Tecnologias na Educação. v. 5, nº 2, dezembro, 2007. Disponível em: <http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo10/artigos/4bPatricia.pdf>. Acesso em: 22 de ago. 2012.

BRITO, C. L. de; PEIXE, L. de S. **Língua Portuguesa Semiótica**. Montes Claros: Unimontes, 2012.

FIORIN, J. L. **A noção de texto em Semiótica**. Organon, Porto Alegre, v. 9, n. 23, p. 163-173, 1995.

OLIVEIRA, R. M. da S. R. Fundamentos Históricos, Filosóficos e Políticos de EAD. In: Caderno didático: Programa de Formação Continuada / Unimontes - PROCEAD/Educação Aberta a distância: módulo I. Montes Claros/MG: Unimontes, 2012a, p. 51-90.

PEREIRA, D. R. M. Identidade e subjetividade e nas práticas da educação a distância: uma análise tensiva. In: **Anais do IX Encontro do CELSUL**, Palhoça, SC, out. 2010.

\_\_\_\_\_. Caderno didático: Programa de Formação Continuada / Unimontes - PROCEAD/A **tutoria no Contexto da EAD**: módulo II. Montes Claros/MG: Unimontes, 2012b.

TOSCHI, M. S. Processos Comunicacionais em EAD: políticas, modelos e teorias. **Revista Latino Americana de Tecnologia Educativa**, v. 3, n. 2, 2004.